

O CONCEITO DE DISSIMULAÇÃO EM *HAMLET*

Mateus Masiero
(matthaeus_masierus@yahoo.com.br)

Prof. Dr. Roberto Romano
(romanor@uol.com.br)

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - UNICAMP PIBIC/CNPq (Agosto de 2010 – Julho de 2011) Dissimulação – Ética Renascentista – Hamlet

Os principais aspectos que pudemos observar nesta pesquisa se referem às semelhanças encontradas entre a tragédia *Hamlet* de William Shakespeare, e alguns importantes conceitos de filósofos renascentistas, entre os quais destacamos: Torquato Accetto, Francis Bacon, Michel de Montaigne, Baldassare Castiglione e Giovanni Della Casa. Com efeito, todos esses autores, incluindo o dramaturgo inglês, parecem compartilhar de uma determinada concepção de mundo e de sociedade. Evidentemente, não se trata de tentarmos provar que Shakespeare tenha sido diretamente influenciado por tais filósofos, ou que ele tenha lido suas obras; o que importa aqui é mostrarmos que todos pertencem a uma mesma tradição de pensamento, uma vez que compartilharam um momento histórico, ou seja, viveram em um mesmo contexto que tanto influenciou como foi influenciado por esses autores; cada um deles contribuiu, a seu modo, para a construção dessa tradição, da qual eles próprios se beneficiaram em alguma medida.

Dessa maneira, nosso foco ao longo da pesquisa fora o conceito de *dissimulação*, explorando suas definições e práticas, de acordo com o pensamento de cada um dos cinco filósofos supracitados; e suas ocorrências em *Hamlet*, onde tal conceito parece desempenhar papel de grande relevância. É notório o quanto Shakespeare lança mão em sua famosa peça de práticas tão bem descritas e discutidas pelos mencionados filósofos, desde o protagonista até os aparentemente mais insignificantes coadjuvantes. Além disso, há o mesmo pessimismo em relação ao mundo e ao próprio ser humano, a noção de que a natureza é imperfeita e de que os homens tendem mais para o vício do que para a virtude. Nesse sentido, a peça pode ser lida também como uma grande crítica moral aos costumes, notadamente hipócritas, corruptos e superficiais.

Na primeira etapa da pesquisa, após termos lido e analisado os textos previstos no projeto, obtivemos uma visão abrangente das discussões acerca da questão da dissimulação durante o período do Renascimento. Procuramos compreender as definições dos autores estudados acerca de tal conceito, bem como os usos e práticas descritos por eles. Desse modo, pudemos observar as semelhanças e distinções entre as concepções de tais pensadores e, assim, traçar uma espécie de perfil da dissimulação no contexto indicado, conforme era nosso objetivo nessa primeira fase.

O primeiro aspecto a ser digno de nota é que todos os autores compartilham da opinião de que a falsidade é algo moralmente condenável, e que nenhum homem sobre a Terra deveria lançar mão de tal recurso em sua vida. Entretanto, é também uma opinião comum a esses autores o fato de que a dissimulação é necessária, em alguma medida, em nossas vidas, sobretudo no que diz respeito à vida em sociedade. De resto, há uma clara separação entre *falsidade*, ou *simulação* e *dissimulação*, sendo que esta última não corresponde a um comportamento reprovável, absolutamente: ela não só é moralmente aceita, como é mesmo necessária. Embora haja a opinião geral de que, em um mundo ideal, se devesse falar sempre a verdade, não havendo espaço para mentiras nunca, há também certa tendência realista (quase poderíamos dizer *pessimista*) entre esses autores, de que vivemos em um mundo notadamente imperfeito, o qual nem sempre nos revela as coisas

como de fato são. Diante de tais imperfeições da natureza, tornam-se necessárias determinadas práticas que tenham por finalidade o aperfeiçoamento e adequação de nossas vidas no mundo. Assim, surge a necessidade da dissimulação.

Seguindo essa linha de pensamento, podemos perceber que a tragédia *Hamlet* dialoga claramente com os filósofos renascentistas mencionados. Em primeiro lugar, destacamos o fato de que a peça de Shakespeare foge completamente a seu gênero, as *revenge play*, extremamente populares à época elisabetana; a ação quase fica em segundo plano, cedendo terreno às diversas reflexões do protagonista; a ação da peça não é nada objetiva, antes se desvia a todo instante, é tortuosa e indireta. A trama da vingança, portanto, é apenas um pretexto, sendo o verdadeiro tema central a explosão da consciência, a reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo. Assim, procuramos defender em nossa pesquisa que *Hamlet* é, em si mesma, uma dissimulação, ou seja, a própria peça, em sua estrutura dramática, dissimula seus reais intentos sob uma aparência de *revenge play*. Tais intentos, como fora dito, consistem nas reflexões do príncipe e, dessa forma, nos propusemos a analisar a parte dessa reflexão que se ocupa especificamente do conceito de dissimulação, bem como de combater os vícios morais da corte dinamarquesa e dos meios de que se vale para tanto.

Ao longo da peça, Hamlet lançará mão de sua loucura simulada em diversas circunstâncias, sempre que é observado por alguém; apenas nos monólogos e nos diálogos com Horácio o príncipe parece se revelar como de fato é. De fato, é admirável que o velho cortesão Polônio, e o próprio rei Cláudio, não hesitam em se ocultar por detrás das cortinas do palácio para, dissimulados, descobrir segredos alheios. Nesse sentido, há um choque entre as ações de Hamlet e de seus inimigos: eles desconfiam de algo, se dissimulam e tentam obter algum resultado, acreditando estarem protegidos nas trevas. O príncipe, por sua vez, sabe que é vigiado constantemente e que não pode confiar em ninguém, pois todos são hipócritas e bajuladores; então, também se oculta, não nas cortinas, mas em sua loucura simulada. Ou seja, ambos, Hamlet e seus inimigos, se valem de subterfúgios para obter o que querem de modo mais prudente, mais seguro do que seria se se expusessem às claras.

Bibliografia:

- ACCETTO, Torquato. *Da Dissimulação Honesta*. Trad. de Edmir Missio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACON, Francis. *Ensaio*. Trad. e prefácio de Álvaro Ribeiro. Guimarães Editores. Col. Filosofia e Ensaio. 2ª Ed.
- CASTIGLIONE, Baldassare. *O Cortesão*. Trad. de Carlos Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DELLA CASA, Giovanni. *Galateo ou Dos Costumes*. Trad. de Edileine Vieira Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 2ª Ed.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. In *Obra Completa*. Trad. de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969. ("Col. Biblioteca de Autores Universais") V. 1.